

Como se faz um historiador.

O lugar de Oswaldo Rodrigues Cabral na historiografia catarinense¹

Patrícia de Freitas²
patidefreitas@gmail.com

Resumo: A proposta deste artigo é analisar alguns aspectos da produção de Oswaldo Rodrigues Cabral. Um aficionado por história transformou-se num dos maiores ícones da historiografia do estado de Santa Catarina. Mas este fazer-se se confundiu com sua história de vida. E mais, pelos textos que escreveu, pelos espaços de saber que fez parte, pela consonância com os seus pares e pela abrangência do seu acervo.

Palavras-chave: Cabral; História de Santa Catarina; Historiador

Abstract: The purpose of this paper is to analyze some aspects of the production of Oswaldo Rodrigues Cabral. A history buff has become one of the greatest icons of the historiography of the state of Santa Catarina. But to do this if you mistook his life story. Plus, who wrote the texts, the spaces of knowing who was part, by agreement with their peers and the breadth of its collection.

Keywords: Cabral; Story of Santa Catarina; Historian

Introdução

O ofício do historiador é um tornar-se. Além de produzir e publicar faz-se necessário percorrer espaços culturais. Lecionar, manter contato e ser reconhecido pelo seu grupo. Então, o fazer do historiador é um exercício que requer a dedicação de uma vida. É sobre essa trajetória, percorrendo espaços de saber, lançamentos de livros que trata este artigo. A obra de Oswaldo Rodrigues Cabral e a sua proliferação ultrapassaram o espaço da Academia Catarinense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e da Universidade Federal. Sua obra e o reconhecimento de seus pares conferem-lhe o título de um dos mais significativos historiadores catarinenses. A variedade de seus escritos, cuja tendência historiográfica emoldura-se no que Wolff chamou de “abordagem estadual tradicional”³, coloca sua obra no rol dos estudos que merecem a atenção de todos os interessados em temáticas referentes ao estado de Santa Catarina.

¹ As reflexões presentes neste texto também foram discutidas no artigo: FREITAS, Patrícia de. Oswaldo Rodrigues Cabral e as Instituições Culturais de Santa Catarina. *PerCursos*, Florianópolis, v. 05, n. 01, 2004.

² Professora da Rede Pública; Colaboradora do IEG/UFSC.

³ WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História*, n. 02, 1994, p. 08.



Lugares de atuação do historiador

Segundo Certeau⁴, a produção historiográfica, é sempre produto de um lugar. Em função deste meio e seguindo seus estatutos se desenrola o fazer histórico. O objetivo deste artigo é realizar um apanhado dos “espaços de saber” pelos quais Oswaldo Rodrigues Cabral circulou em Santa Catarina. Professor, jornalista, médico e historiador Oswaldo Rodrigues Cabral legou-nos uma produção que o aponta como um dos mais significativos estudiosos da história catarinense.

A discussão presente neste texto recai sobre o modo como se constitui um vulto, um historiador de notoriedade. Como um determinado pesquisador se destaca ao contrário de outros que jazem no anonimato. Para tanto, procura-se seguir a trilha de instituições que Cabral fez parte⁵ assim como, de acordo com Burke⁶, perceber na fala de seus pares como é feito um “verdadeiro”⁷ historiador. Acredito que por haver participado das principais instituições culturais e possuir um significativo acervo que procura abarcar todos os momentos da história de Santa Catarina, Cabral pode ser considerado um historiador com pretensão enciclopedista, no sentido de que sua obra abrangeu conhecimentos e saberes dos mais variados. Assim legitimado, o acervo deixado por Cabral carrega consigo a autoridade da pronúncia, da enunciação que muitas vezes pode transformar a escriturística em textos imunes a revisões.

Após concluir seus estudos, anos depois Dr. Oswaldo R. Cabral retornou a Santa Catarina em 1936, vindo morar em Florianópolis, onde clinicou e seguiu carreira política em duas legislações, entre 1946 e 1952. Nos anos seguintes lecionou na Faculdade de Direito e Filosofia, no qual ocupou a cadeira de Antropologia Cultural.

Com a criação da Faculdade Catarinense de Filosofia, em 1956, Oswaldo Rodrigues Cabral inicia a formação de um grupo de pesquisadores universitários, entre os quais

⁴ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 73.

⁵ Preocupo-me particularmente com as instituições culturais catarinenses em especial o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, mas Oswaldo R. Cabral fez parte das seguintes associações: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Instituto Histórico e Arqueológico de Pernambuco; Instituto Histórico e Geográfico da Bahia; Instituto Histórico da Ilha Terceira, Açores; Instituto Cultural de Ponta Delgada; Ilha de São Miguel, Açores; Instituto Genealógico Brasileiro; Instituto Heráldico e Genealógico Brasileiro; Instituto Heráldico e Genealógico de São Paulo; Instituto Paulista de História da Medicina; Academia de Letras do Paraná e Academia de Letras do Piauí.

⁶ BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 07-37.

⁷ De acordo com o paradigma de história tradicional formulado por Peter Burke, o verdadeiro historiador seria aquele preocupado exclusivamente com a política, centralizando a narrativa no feito dos governantes, estadistas, uma história que deveria ser baseada no documento. (BURKE, P. 1992. Op. cit. p. 07-37).



se destacam Silvio C. dos Santos, Walter F. Piazza, Anamaria Beck, M. Gerusa Duarte, Aboíno Eble. Fora da UFSC, mas vinculados à USP, Egon Schaden desfralda prestígio internacional. Ao lado desses pesquisadores merecem atenção os escritos de João Alfredo Rhor, Theobaldo C. Jamundá e Nelson Tomé⁸.

Desde então, Cabral passou a circular por vários espaços de saber. Ainda em 1938, com apenas 35 anos e dois textos escritos, *Problemas educacionais de higiene* (tese de doutoramento em medicina) e *Santa Catarina – história, evolução*, foi empossado na Academia Catarinense de Letras. Ocupando a cadeira nº 17, cátedra fundada por Jerônimo Coelho e cujo patrono foi José Arthur Boiteux. Quando da criação da Sub-Comissão Catarinense de Folclore em 1949, decorrência do Primeiro Congresso de História Catarinense, a primeira direção ficou a cargo de Cabral. A Sub-Comissão, além de representar a Comissão Nacional do Folclore, deu continuidade aos trabalhos do Congresso em relação a aspectos do folclore catarinense, possuía características similares ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Visto que os espaços são ocupados pelos mesmos atores, há alguma mudança no cenário, outros encaminhamentos como o enfoque das pesquisas, centralizadas especificamente no folclore. Os sócios da Sub-Comissão estavam divididos hierarquicamente em: fundadores, efetivos, honorários e correspondentes. Os consorciados realizavam reuniões, estimulavam pesquisas entre especialistas e promoviam um periódico, patrocinado pelo Estado. Entre 1949 e 1963 Cabral publicou doze artigos no *Boletim da Sub-Comissão Catarinense de Folclore*⁹.

Cabral, devido a inúmeras atividades deixou a direção da revista em 1956. Mas, segundo Piazza¹⁰, o fundador do periódico continuaria prestigiando-o com o concurso de sua pena e com os conselhos de sua experiência. Ao procurar perceber como Cabral incorporou às letras catarinenses, visto haver atuado como mestre, jornalista, político e antropólogo. Mas, ao que tudo indica, foi a pesquisa histórica que o consagrou. Em relação às atividades desempenhadas na Universidade Federal de Santa Catarina, Cabral criou em 1968 o Instituto de Antropologia¹¹, instituição científica que tinha como finalidade os estudos antropológicos. Foi entre 1968 e 1970 que a direção da instituição esteve a cargo de Cabral. Deste período

⁸ SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985, p. 272.

⁹ A setra a funda e o bodoque, n. 1, set. 1949. p. 06; A respeito dos corações e do “Pão-por-Deus”, n. 2, dez. 1949. p. 26; Vocabulário de consultório médico, n. 4, jun. 1950. p. 38; Os santos nas lentas marítimas catarinenses, n. 5, set. 1950. p. 29; Os bombeiros voluntários de Joinville, (sob o pseudônimo de Egas Godinho) n. 7, mar. 1951. p. 70; Pasquins, n. 8, jun. 1951. p. 51; A necessidade do aparelhamento das Comissões Estaduais, n. 9/10, set./dez. 1951. p. 83; Calungas de barro cozido, n. 11, mar. 1952. p. 33; Antigos folguedos infantis de Santa Catarina n. 12, jun. 1952. p. 58; Folguedos populares de Santa Catarina n. 15/16, jun./set. 1953. p. 25; Contos de Natal, n. 15/16, jun./set. 1953. p.165; Apontamentos sobre o “Pão-por-Deus”, n. 22, jan. 1956. p. 31.

¹⁰ PIAZZA, Walter F. Editorial. *Boletim da Sub-Comissão Catarinense de folclore*, n. 13/14, mar. 1956, p. 03.

¹¹ Depois Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral.



existem inúmeras pesquisas, publicações, muitas destas orientadas pelo seu próprio diretor, bem como os *Anais do Instituto de Antropologia*. Em 1969, a fim de que o organismo se enquadrasse na estrutura da reforma universitária, foi mudada a denominação do Instituto para Museu de Antropologia¹². Segundo Sara Regina Silveira de Souza, sua sobrinha e biógrafa, esse fato não agradou Cabral que se decepcionou com a universidade, vendo seu sonho transformar-se num museu que segundo ele seria um “[...] local para mostra e guarda de peças, sem pesquisa, que lhe era o cerne”¹³.

Cabral considerava suas pesquisas em história um *hobby*. Nos seus últimos anos, quando resolveu abandonar a medicina, as atividades de pesquisa e escrita transformaram-se numa ocupação constante. A ponto de o denominarem de o “dono da história”, no que respondia:

[...] sou, isto sim, um estudioso da nossa história, como muitos outros, aos quais respeito quando lhes reconheço idoneidade, embora possa muitas vezes, discordar de suas opiniões e criticar os seus trabalhos. Só os charlatões é que me atribuem o desejo ou a presunção de me considerar “dono da história” porque não lhes perdôo, denuncio e estigmatizo o seu charlatanismo¹⁴.

Analisando atentamente, a fala de Cabral esta carregada de significados. Ele posicionou-se como pesquisador, um estudioso da história e como médico, preocupando-se com a veracidade dos fatos e a habilitação profissional que para tanto seria imprescindível travar uma batalha contra o charlatanismo. Quando analisou os primórdios da medicina em Santa Catarina, Cabral considerou que o progresso da arte de curar não poderia ficar preso a existência do “charlatão” ou dos curiosos que ainda atuavam no Brasil na primeira metade do século XIX. O progresso do país e a evolução da medicina dependeriam da extinção de uma classe paralela a do médico - a do charlatão - que o autor chamou de “contrabandistas da medicina”¹⁵.

Apontada por Cabral, a figura do charlatão serviria de modelo para legitimar, de um lado, o saber da medicina e de outro, uma perspectiva de história que buscava no documento a reconstituição da verdade. Nesse sentido seria necessário anular um não-saber, os charlatões seriam todos os sujeitos que praticavam alguma espécie de cura, simpatia, prescrição de chás; ou que escreviam uma história descompromissada. A propósito, quando me refiro ao

¹² Nota da redação. *Anais do Museu de Antropologia*, n. 2, ano II, p. 02, dez. 1969.

¹³ SOUZA, Sara Regina S. de. *Oswaldo Rodrigues Cabral*. Páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Ed. da UFSC; UDESC, 1993, p. 17.

¹⁴ O ESTADO. *Infarto mata Oswaldo Rodrigues Cabral*. 18 fev. 1978, p. 07.

¹⁵ CABRAL, Oswaldo R. Medicina, médicos e charlatões do passado. *Arquivos Catarinenses de Medicina*. Ano 1, nº 1, abril de 1977, p. 17.



conhecimento do charlatão como um não-saber, destaco a institucionalização do discurso da medicina que na primeira metade do século XIX, procurava legitimar-se enquanto o discurso do conhecimento. Em relação à escrita da história, a partir do século XIX, algumas correntes de pensamento como o positivismo e o evolucionismo buscavam formular uma história científica, confiava-se que com o tempo poder-se-ia criar leis generalizadas para explicar as transformações da sociedade¹⁶.

Em vista disso que surgiu a necessidade de se combater à figura do desviante, no caso o charlatão. A criação de instituições como a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, fundada em 1829 e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838 personificaria a luta pela consolidação e uniformização da ciência médica e a construção de uma história nacional¹⁷.

O fazer histórico de Cabral está vinculado à perspectiva historiográfica dos Institutos Históricos e Geográficos que surgiram por todo país na extensão do seu primogênito acima mencionado, em Santa Catarina o congênere foi fundado em 1896. Em 1935, Cabral foi eleito sócio efetivo¹⁸ do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Segundo Cabral, no momento em que se tornou associado o Instituto passava por uma reorganização encampada por seu então presidente, Henrique da Silva Fontes. Visto que “[...] depois da morte de seu fundador [José Arthur Boiteux] e de muitos de seus companheiros, da ausência de outros e do desinteresse de alguns, o Instituto hibernava”.¹⁹ A Academia também respirava novos ares, as letras catarinenses passavam por um período áureo,²⁰ movido por Fontes e pelo então governador do Estado Nereu Ramos. Ao fazer uma avaliação dessa fase, Cabral lembrou-nos que as instituições culturais eram freqüentadas pelos mesmos intelectuais, todos faziam parte do mesmo círculo, seja do Instituto, da Academia de Letras ou da Associação Catarinense de

¹⁶ STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa, reflexões sobre uma nova velha história. *RH – Revista de História*, nº 2/3, 1991, p. 15.

¹⁷ MACHADO, R. *Danação da norma*. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 185.

¹⁸ Durante quatro décadas Cabral fez parte da diretoria da associação ocupando cargos de 2º vice-presidente e secretário. Fez parte da Comissão Permanente da Revista do Instituto, além de ter sido seu redator. A Revista do IHGSC teve sua história dividida em três fases, Cabral acompanhou a segunda, entre os anos de 1943 e 1944, quando foram publicados quatro volumes. (SOARES, Iaponan; PRAZERES, Leda Maria D’Ávila da Silva. *Índice analítico da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 1902-1987. Florianópolis: IHGSC, 1988, p. 06). Nesse intervalo ele publicou três textos: Os açorianos, (*Revista do IHGSC*, vol. X, 1º semestre, 1943, p. 09); Medicina, médicos e charlatões do passado, (*Revista do IHGSC*, vol. X, 1º semestre, 1943, p. 179); Decadência agrícola do açoriano, (*Revista do IHGSC*, vol. XI, 2º trimestre, 1943, p. 07).

¹⁹ CABRAL, Oswaldo R. Introdução. In: PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976, p. 12.

²⁰ Segundo Cabral o governador dava total apoio as instituições culturais financiando inclusive aluguéis das sedes, mobiliário, impressão de folhetos. (CABRAL, O. R. Introdução. In: PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976, p. 14).



Imprensa, fundada em 1932. O historiador acreditava que essas associações passavam por momentos de letargia e até mesmo de desinteresse ‘motivados’ pelo movimento dos mesmos intelectuais nos mesmos lugares. “[...] os homens que estudavam história eram os mesmos que escreviam contos, versos e novelas, os mesmos que tinham suas colunas nos jornais²¹.”

Cabral evidenciou que os espaços de saber eram freqüentados pelos mesmos intelectuais e que tais espaços eram patrocinados pelo Estado. Ao que tudo indica, as letras catarinenses sejam na história, na prosa, no verso ou na imprensa estavam nas mãos do mesmo grupo. Não se quer dizer, com isso, que o Instituto, a Academia de Letras e a Associação de Imprensa fossem uma voz uníssona, mas seus consorciados falavam entre si, estavam congregados e acabavam por escrever uma versão do fato, da história sob a promoção do Estado. Essa é uma das principais características da história difundida pelos institutos históricos e geográficos.

Não foi por acaso, que a maioria dos textos escritos por Cabral colocava em evidência uma história que enfatizava fatos políticos, administrativos, assim como as autoridades numa narrativa cronológica. Como exemplo evidencia-se seu primeiro livro de história: *Santa Catarina – história, evolução*, editado em 1938. Mas Cabral dizia-se crítico daqueles que faziam uma história obedecendo à determinada metodologia, não se afastando da avidez da cronologia, ao mesmo tempo entusiasmava-se com aqueles “[...] que se preocupavam com os seres humanos, agrupados em sociedade, que vivem e fazem a história. Prefiro estes porque a questão é comentar os fatos com clareza, que torne atraente o estudo”.²²

Num apanhado geral dos principais textos publicados por Cabral é possível perceber que apenas em um momento específico o estudioso apresenta-nos uma escrita da história “diferente”. Trata-se dos quatro volumes de *Nossa Senhora do Desterro*, editado em 1971, foi o seu último livro publicado em vida. A linguagem, o estilo e a forma encontrados pelo pesquisador são únicos, principalmente se traçarmos um paralelo com seus outros textos. Ele posicionou-se e muitas vezes pareceu fazer parte do contexto narrado através de uma crônica que procurou retratar a personagem “[...] modesta e simples de gente que não costuma freqüentar as páginas da História, ao lado de figuras imponentes de farda e anel²³.”

A fala de Cabral, sobre o fazer história, remete-me particularmente a seu último texto. Nele é possível perceber uma história mais fluida, livre do cânone, da formalidade acadêmica. Em seu depoimento talvez o pesquisador estivesse respondendo a alguns

²¹ Ibid., p. 13-14.

²² O ESTADO. *Infarto mata Oswaldo Rodrigues Cabral*. 18 fev. 1978, p. 07.

²³ CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979, p. 09.



historiadores que reclamavam um curso conspícuo para escrever história. Refiro-me particularmente a Walter F. Piazza que ao comentar uma desavença entre os dois pesquisadores afirmou que possuía uma declaração por escrito de Cabral na qual ele afirmava que para se fazer história não era necessária aprendizagem. “História não precisa de aprendizagem, de formação, o sujeito nasce historiador²⁴.”

Piazza²⁵, ao traçar um panorama dos historiadores catarinenses, colocou Cabral no rol dos pesquisadores que deram uma “visão integral” do desenvolvimento da Terra Catarinense, diferente de outros historiadores, em especial dele, que havia iniciado uma “revisão” na história do Estado, “[...] não no sentido de demolir o que era apresentado pelos vários estudiosos de história, mas, de completar determinados quadros e preencher alguns claros [...]”²⁶, o ápice teria sido a criação do curso de mestrado em história na Universidade Federal de Santa Catarina. Diferenças a parte, nesse momento quero enfatizar a importância de Cabral à letra catarinense, querer desqualificá-lo por não possuir formação acadêmica específica de historiador só acentuou a importância de seus textos. Em relação ao estilo narrativo de *Nossa Senhora do Desterro*, acredito que como historiador, foi esse o único momento que Cabral desvinculou-se do estilo sisudo do Instituto Histórico, absorvido ao documento e desvinculado do leitor.

O reconhecimento de seus pares

Justamente foram essas características acima mencionadas que foram aclamadas pelos críticos de Cabral. Passo a partir de agora a mencionar algumas dessas falas, são historiadores, pesquisadores, jornalistas que fazem parte do mesmo círculo intelectual freqüentado por Cabral, ou seja, são seus pares. Acredito que a notoriedade de Cabral foi construída pela extensão de sua obra e pela legitimidade conferida pelo círculo intelectual contemporâneo a sua produção.

O próprio Piazza²⁷ ao caracterizar a obra de Cabral em relação à historiografia catarinense classificando-a no seu entender os “melhores” textos aqueles desenvolvidos em espaços natos do historiador como os arquivos. Nesse sentido, considerou três textos de Cabral classificando-os com os mais bem elaborados: *Os açorianos*, que teria resultado de

²⁴ TERNES, Apolinário. A NOTÍCIA. Especial Joinville. *Walter Piazza, historiador*. 25 nov. 1996, p. 02.

²⁵ PIAZZA, Walter F. Historiografia de Santa Catarina. In: *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli; Ed. da UFSC, 1983, p. 65.

²⁶ Ibid., p. 73.

²⁷ Ibid., p. 17-36.



“dados obtidos em documentos e em jornais”; *João Maria*. Interpretação da Campanha do Contestado, produto dos “documentos existentes nos Arquivos florianopolitanos” e *Nossa Senhora do Desterro* que também teria sido edificada em decorrência da análise de fontes de arquivos e periódicos.

Segundo Le Goff, para a maioria dos historiadores forma um “[...] corpo de especialistas habilitados a examinar e julgar a produção de seus colegas [...]”²⁸. A importância e o reconhecimento do texto, ao avaliar a obra de Cabral, dão-se na origem documental da pesquisa, julgando o historiador pela medida de “verdade” de seus escritos mesmo que o reconhecimento ou a crítica de um amigo seja influenciado por gosto pessoal. Afinidades ou apatias a parte, é pela medida de verdade que julgam e são julgados esses historiadores.

Em 1938, na recepção do novo imortal à Academia Catarinense de Letras, o discurso de saudação, foi realizado por Othon D’Eça. Após saldar o então jovem intelectual Cabral, D’Eça destacou a publicação de *Santa Catarina – história, evolução*²⁹ que havia sido editada na série Brasileira, coleção está que contava com obras de autores de renome nacional como J. Pandiá Calógenas, Oliveira Viana, Roquete Pinto, Pedro Calmon, Visconde de Taunay, Rui Barbosa, dentre outros. Segundo D’Eça, fulgurar em meio a esse rol de ilustres bastaria para dar “... ao vosso livro altos forais de nobreza e incluí-lo, como de titular de nobre linhagem intelectual, na velha nobiliarquia literária do Brasil”.³⁰

Na apresentação de *As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia*³¹, editado pelo Conselho Federal de Cultura e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Arthur Cezar Ferreira Reis, presidente do citado conselho, exaltou mais uma vez as qualidades do pesquisador:

[...] de autoria de um dos mais atuantes historiadores brasileiros da atualidade, Oswaldo Cabral, que se especializou no exame do passado de sua terra natal, Santa Catarina, cuja história ele vem escrevendo à luz da melhor documentação e com uma fidelidade e segurança que o credenciam ao respeito e a admiração de todos os brasileiros³².

Nas orelhas do livro *Nossa Senhora do Desterro*, Jaime de Arruda Ramos não poupou elogios à obra de Cabral, exaltando a figura do historiador objetivo.

²⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1990, p. 30.

²⁹ CABRAL, Oswaldo R. *Santa Catarina – história, evolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Coleção Brasileira volume 80).

³⁰ D’EÇA, Othon. Discurso recepção do acadêmico Oswaldo Rodrigues Cabral. Florianópolis, 17 de dezembro de 1938, p. 34.

³¹ CABRAL, Oswaldo R. *As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

³² REIS, Arthur Cezar F. Apresentação. In: CABRAL, Oswaldo R. *As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 07.



Não há, em Santa Catarina, Arquivo, Biblioteca, Coleção de Jornais ou Alfarrábio, Museu, Sótão, Caixote ou simples atado de documentos antigos que Oswaldo não haja remexido e estudado. De lápis em punho e espanador a tiracolo, o historiador os devassou um por um. Conheço-lhe o fichário bem organizado e as anotações catalogadas, em tarefa exaustiva, e, por isso, admiro e invejo sua vocação dedicada, proclamando-o, com o maior respeito, como autor responsável e honesto³³.

Ainda neste mesmo espaço, Norberto Ulysséa Ungaretti garantiu-nos que Cabral “[...] realizou entre os de sua geração em Santa Catarina, a obra intelectual mais vasta e expressiva”.³⁴ O escritor, como os demais críticos de Cabral, apreciou a imensidão da obra, o exercício intelectual do historiador que também foi folclorista, médico, antropólogo e que como ninguém teria ido às fontes primárias, removidas de arquivos empoeirados. Ungaretti remete-nos a uma história que faz lembrar o estilo rankiano³⁵, ou seja, as obras mais completas e pormenorizadas teriam sido fruto de um árduo trabalho documental que resultaria numa obra volumosa e acabada, “[...] com referências em pé de página que remetem o leitor para os documentos. Não dizer nada que não seja verificável – eis o que funda a história como uma ciência positiva”.³⁶

Ungaretti, afirma ainda que, o estilo de Cabral colocou-o:

Sem demérito para os outros que labutaram no mesmo ofício – e entre eles alguns de venerável memória – pode-se afirmar que Oswaldo Cabral é o nosso mais completo historiador, o que mais longe levou o alcance do seu trabalho, interessando a sociologia, a história econômica, a história de costumes, a psicologia social do catarinense³⁷.

Segue outra nota de elogio a ser considerada. Na segunda edição de *João Maria*. Interpretação da Campanha do Contestado que foi lançada após a morte de Cabral com um novo título: *A Campanha do Contestado*, Nereu Corrêa que comentou a edição mais recente destacou:

Podemos afirmar que o autor não só atingiu o seu objetivo, como o ultrapassou. O seu livro não servirá apenas a estudantes e professores, mas é indispensável em todas as estantes catarinenses, tanto do leigo como do estudioso do nosso passado, como obra de consulta obrigatória para espantar dúvidas ou nos orientar pelos intrincados labirintos da nossa história³⁸.

³³ CABRAL, Oswaldo R. Orelhas. In: *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

³⁴ Ibid.

³⁵ Leopoldo von Ranke (1795-1886) historiador alemão possuidor de uma produção abundante e variada que serviu de modelo para uma escrita de história balizada exclusivamente na veracidade do documento. (CARBONEL, Charles-Oliver. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1992, p. 103-104).

³⁶ Ibid., p. 103-104.

³⁷ CABRAL, Oswaldo R. Orelhas. In: *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

³⁸ Ibid.

³⁸ SOUZA, Op. Cit, p. 177.



Essa pequena amostragem dentre as inúmeras apresentações e comentários que serviram para sacralizar os escritos de Cabral, ainda destaco que no ano de 1996 o governo do Estado de Santa Catarina, por intermédio da Fundação Catarinense de Cultura instituiu um concurso de trabalhos sobre a história e a cultura catarinenses, cujo objetivo era de distinguir, anualmente, obras inéditas de autores brasileiros. Tratava-se, pois, do prêmio: *I Concurso Estadual de Monografias – Oswaldo Rodrigues Cabral – 1996*. No folder do concurso constava gravura e uma pequena biografia do historiador que lhe dava o nome e enfatizava:

Foi distinguido com vários títulos e condecorações, tendo pertencido a inúmeras instituições culturais e científicas nacionais e estrangeiras. Produziu vasta obra no campo da história e da cultura de Santa Catarina [...]. Seus estudos constituem fonte de consulta obrigatória para quantos queiram conhecer o passado da nossa terra e da nossa gente³⁹.

O ponto que mais chamou a atenção dos críticos, ao comentarem os textos de Cabral foi à origem documental das pesquisas realizadas pelo historiador. Característica marcante do autor e bastante elogiada por seus “pares” que consideravam o labor documental indispensável à “elucidação dos fatos do passado”. Segundo os críticos, seria necessária uma quantidade significativa de pesquisas, para avaliar a competência do historiador.

Para os críticos, o volume e a origem das fontes, indispensável à segurança dos textos, garantiria a honestidade do autor. Vozes unânimes, ao evidenciar uma visão de história factual, exaltando os grandes vultos e formulada exclusivamente pelo documento, matéria inerte, escrito oficial, que estaria nos arquivos institucionalizados à espera do pesquisador. A função do historiador, nesse caso, seria a de procurar dados e montá-los como num quebra-cabeça cujas peças, dispersas, deveriam ser devidamente encontradas e encaixadas.

Ainda outra característica importante destacada pela crítica diz respeito à legitimação do historiador. Considerado homem de renome, de nobreza que ao trabalhar a história de Santa Catarina e do Brasil, estaria muito próximo das celebridades das letras do país, “[...] titular de nobre linhagem intelectual”⁴⁰. Estes e outros louvores serviram para que os textos de Cabral fossem fossilizados.

O reconhecimento do texto ocorreu devido à coleta documental e o renome dos autores. Se junta ainda, outra característica destacada pela crítica, os textos de Cabral transformaram-se em fontes de pesquisa imprescindível àquelas pesquisas referentes à história

³⁹ FOLHETO do *I Concurso Estadual de Monografias – Oswaldo Rodrigues Cabral – 1996*. Projeto Cultura Viva/Fundação Catarinense de Cultura, Governo do Estado de Santa Catarina.

⁴⁰ D’EÇA, Othon. *Discurso recepção do acadêmico Oswaldo Rodrigues Cabral*. Florianópolis, 17 de dezembro de 1938, p. 34.



de Santa Catarina: “[...] fonte de consulta obrigatória para quantos queiram conhecer o passado da nossa terra e da nossa gente⁴¹.”

Os escritos de Cabral ao serem consideradas fontes de consulta obrigatória às pesquisas referentes à história de Santa Catarina adquirem reconhecimento e competência. O reconhecimento pode ser visto enquanto referência indispensável a futuras publicações e à competência como respaldo destes escritos.

Desta forma, é importante perceber que, quando a história de Santa Catarina é trabalhada, são escritos de historiadores como Cabral que prevalecem em nível de primeiro e segundo graus. Nos textos didáticos, nas propagandas de fundo histórico, nos anúncios promocionais do Estado muitas vezes é possível reconhecer nítidos traços da tendência historiográfica do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina que teve em Cabral um dos seus mais significativos sócios. Como exemplo disso, em 1997 a Rede Brasil Sul de Comunicações – RBS, sucursal rio-grandense que atua em Santa Catarina e que mantém rede de TV, emissoras de rádio e dois periódicos, veiculou em propagandas televisivas e em seções especiais do jornal “Diário catarinense”, uma série de título bastante sugestivo: *Santa Catarina: 100 anos de história*⁴². Ficou nítida a presença dessa tendência historiográfica na composição dos textos da promoção, uma réplica daquela história que perpassa a história do IHGSC, evidenciando os grandes feitos dos catarinenses ilustres.

Esta série de propagandas com fundo histórico caracterizou a proliferação do discurso dessa historiografia e mostrou como seus textos estão próximos do público, conhecidos, reconhecidos e renomados. Ao que tudo indica, estes fatores contribuíram, significativamente, para que textos, como os de Cabral se transformassem, em enciclopédias. O que demonstra, ainda, o predomínio de relatos descritivos que propõem uma história científica e neutra.

E para completar esse quadro, reporta-se ao ápice, quando os críticos, após tecerem os mais variados elogios, apontam para o futuro próspero destes textos que serviriam como “[...] fonte de consulta obrigatória para quantos queiram conhecer o passado da nossa terra e da nossa gente.”⁴³ A crítica, aqui representada por escritores, muitos dos quais também pesquisadores da história de Santa Catarina, sócios do IHGSC, da Academia Catarinense de Letras, ao dar tamanha visibilidade aos escritos de Cabral acabam lhe conferindo cânones de competência.

⁴¹ FOLHETO. Op. Cit.

⁴² Posteriormente publicado com o mesmo título.

⁴³ FOLHETO. Op. Cit.



A importância dos escritos de Cabral é indelével, questiono o modo como esses textos são trabalhados, muitas vezes sem o devido questionamento, principalmente quando são copiados em apostilas, livros didáticos dedicados ao 1º e 2º graus, como roteiro de propagandas, filmes, etc. É necessário contextualizar os textos produzidos por Cabral, enquadrando-os em determinado tempo e espaço de saber, percebendo como esses pesquisadores trabalharam as fontes, formaram enredos, selecionaram fatos, construíram e legitimaram uma versão da história. Ao problematizar a questão da legitimação, procuro mostrar que através das vozes da competência a obra de Cabral está envolta num invólucro, quase inviolável chamado autoridade, responsável pela edificação de “monumentos históricos”.

Segundo Bolle⁴⁴ uma análise da recepção deve levar em consideração a obra, a crítica, a edição e difusão, o público e a sociedade como um todo. Esta análise esteve voltada à recepção de alguns autores sobre os textos de Cabral, desta análise uma série de questões ficou em aberto, questões que de todo, estou longe de resolver. O leitor mais atento perceberá que os comentários citados foram todos retirados das apresentações dos livros. Apresentações costumam ser laureadas. Aquele que comenta é amigo, mestre, orientador, tutor do autor, afinal quem escolheria estrangeiro a divagar na porta de entrada de seu texto. Estes são, em sua maioria, amigos, pares, especialistas, figuras de renome, autoridades.

Escolhemos propositalmente tais “críticos”, a crítica e o autor fazem parte de um único corpo, pertenceram às mesmas instituições culturais, como lembrou-nos Certeau, eles ajustam-se “[...] a uma ordem social, da mesma forma como cada enunciado individual se produz em função das silenciosas organizações do corpo⁴⁵.” Os comentários representam um contrato entre os autores, surge daí, nesta coletividade, mais uma obra fruto e produto de um lugar de produção do conhecimento.

Referências bibliográficas:

A NOTÍCIA. Especial Joinville. TERNES, Apolinário. *Walter Piazza, historiador*. 25 nov. p. 02, 1996.

ANAIIS DO MUSEU DE ANTROPOLOGIA. *Nota da redação*. n. 2, ano II, p. 02, dez. 1969.

BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula*. Teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa. São Paulo: Perspectiva, 1973.

⁴⁴ BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula*. Teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa. São Paulo: Perspectiva, 1973. p. 11-24.

⁴⁵ CERTEAU, Op. Cit, p. 70.



BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*. Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

CABRAL, Oswaldo R. *Santa Catarina – história, evolução*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (Coleção Brasileira volume 80).

_____. Os açorianos. In: *Anais do Primeiro Congresso Catarinense de História*, Separata. Florianópolis, 1951.

_____. *João Maria*. Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

_____. *As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

_____. Medicina, médicos e charlatões do passado. *Arquivos Catarinenses de Medicina*. Ano 1, nº 1, abril de 1977.

_____. Introdução. In: PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 1976.

_____. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CARBONEL, Charles-Oliver. *Historiografia*. Lisboa: Teorema, 1992.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

D'EÇA, Othon. *Discurso recepção do acadêmico Oswaldo Rodrigues Cabral*. Florianópolis, 17 de dezembro de 1938.

Folheto do *I Concurso Estadual de Monografias – Oswaldo Rodrigues Cabral – 1996*. Projeto Cultura Viva/Fundação Catarinense de Cultura, Governo do Estado de Santa Catarina.

FREITAS, Patrícia de. *Margem da palavra silêncio do número*. O negro na historiografia de Santa Catarina. 1997, 154p. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

JORNAL DE SANTA CATARINA. *Oswaldo Rodrigues Cabral (1903-1978)*. 18 fev. 1978, p. 03.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1990.

MACHADO, R. *Danação da norma*. Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

O ESTADO. *Infarto mata Oswaldo Rodrigues Cabral*. 18 fev. 1978, p. 07.

PIAZZA, Walter F. Editorial. *Boletim da Sub-Comissão Catarinense de folclore*, n. 13/14, mar. 1956, p. 03.



_____. *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. Estudo histórico-analítico (1896-1996). Florianópolis: co-ed. UDESC-IHGSC, 1996.

_____. Historiografia de Santa Catarina. In: *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli; Ed. da UFSC, 1983.

RAMOS, Jaime Arruda. Orelhas. CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

REIS, Arthur Cezar F. Apresentação. In: CABRAL, Oswaldo R. *As defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

Revista do IHGSC, vol. X, 1º semestre, p. 09; p.179, 1943.

Revista do IHGSC, vol. XI, 2º trimestre, p. 07, 1943.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

_____. *Santa Catarina: 100 anos de história*. Florianópolis: Século Catarinense, 1997. (v. 1 – Do povoamento a Guerra do Contestado, v. 2 – Da colonização do território ao Estado Novo).

SOARES, Iaponan; PRAZERES, Leda Maria D'Ávila da Silva. *Índice analítico da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 1902-1987. Florianópolis: IHGSC, 1988.

SOUZA, Sara Regina S. de. *Oswaldo Rodrigues Cabral*. Páginas de um livro de memórias. Florianópolis: Ed. da UFSC; UDESC, 1993.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa, reflexões sobre uma nova velha história. *RH – Revista de História* nº 2/3, 1991.

UNGARETTI, Norberto Ulysséa. Orelhas. CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Memória. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n. 02, 1994.

Recebido em 15 de outubro de 2012.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2012.

